



CONCEPÇÕES E PREFERÊNCIAS SOBRE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA DISCENTE

Isabel Porto Figueiras

Greice Kelly de Oliveira

Ronê Paiano

Luiz Henrique Rodrigues

Universidade Presbiteriana Mackenzie – Brasil

Resumo: A Educação Física, nas últimas décadas, tem procurado trilhar novos caminhos, revendo seus objetivos, conteúdos, metodologias e avaliações. No entanto, para que haja uma transformação efetiva no processo ensino-aprendizagem desta disciplina é fundamental considerarmos a necessidade não apenas da atualização acadêmico-científica dos professores, mas também, o reconhecimento da importância de se conhecer e considerar o que seus alunos pensam, sentem e desejam em relação às aulas de Educação Física escolar. Tal compreensão pode contribuir, por exemplo, para uma maior aproximação e interação entre o que os professores propõem e o que os alunos esperam aprender, favorecendo a práxis contextualizada e a aprendizagem significativa. Sob esta perspectiva, este estudo procurou investigar o que os alunos de 3ª e 4ª séries do ensino fundamental de uma escola pública da periferia de Osasco/SP afirmam que aprendem nas aulas de Educação Física e do que mais gostam e menos gostam nestas aulas. Em suma, os resultados revelaram uma marcante presença do esporte nas opiniões dos alunos, tanto em relação ao que aprendem quanto aos seus afetos e desafetos dirigidos às vivências nas aulas de Educação. De maneira geral, este estudo possibilitou importantes reflexões acerca: a) da necessidade e o potencial da consideração e valorização das concepções e manifestações dos alunos; b) da importância do redimensionamento dos conteúdos da Educação Física escolar extrapolando a dimensão procedimental e enfatizando a existência e a importância dos saberes conceituais e atitudinais desta disciplina; c) do cuidado necessário em relação ao trabalho co-educativo, principalmente no que tange ao desenvolvimento do conteúdo esporte.

Palavras-Chave: Educação Física Escolar; Ensino Fundamental.

CONCEPTIONS AND PREFERENCES ON PHYSICAL EDUCATION CLASSES AT SCHOOL: THE STUDENT PROSPECTS.

Abstract: The Physical Education has been moving towards new tendencies during the last decades, reexamining its objectives, contents, methodologies, and evaluations. However, for an effective transformation taking place at the teaching-learning process of the discipline, it is of utmost importance to consider both the scientific and academic updating of the teachers and recognize the thoughts, feelings and wishes of the students regarding their Physical Education studies. Such comprehension shall contribute, for instance, to a deeper approximation and interaction between proposes from the teachers and expectations from the students, thus improving the praxis and learning. The present study aimed to investigate i) all that infant students from 3rd and 4th degrees from a public school located at the municipality of Osasco, São Paulo state affirm they learn at the Physical Education classes, ii)

whose activities they like most and iii) whose they do not appreciate. Altogether, the results have showed a pronounced presence of sports in students' opinions, both regarding their likes and dislikes. In a broader sense, such study has brought important conclusions concerning: a) the need and the potentiality of valorizing the students manifestations and conceptions; b) the importance of resizing the Physical Education contents at school beyond the proceeding dimension and thus emphasizing the existence and the importance of conceptual and empirical knowledge on the discipline by the students; and c) on the necessary care related to the co-educative work, mainly about the development of the sport contents.

Keywords: Scholar Physical Education; Elementary school.

INTRODUÇÃO

A Educação Física na escola, ao longo dos anos, foi construindo novas metodologias e reorganizando os seus conteúdos. Se no início, utilizavam-se dos métodos ginásticos importados, suecos, franceses, etc e o conteúdo era exclusivamente a ginástica, no Brasil, segundo Darido e Sanches Neto (2005), a ascensão dos militares ao poder, a utilização das escolas públicas e particulares como fonte de propaganda do seu regime e o uso do sucesso da seleção brasileira de futebol (1958, 1962 e 1970) levou a associação da Educação Física escolar com o Esporte, especialmente o futebol.

O investimento pesado do governo militar na pesquisa relacionada ao esporte e a utilização da escola como base de sustentação e espaço para a preparação inicial das equipes de alto rendimento foi responsável pela presença hegemônica dos esportes como conteúdo das aulas de Educação Física escolar. A abertura política ocorrida durante a década de 1980 desencadeou inúmeras reflexões entre as quais a crítica à concepção biológica da Educação Física na qual predominavam os conteúdos esportivos.

A obra “Metodologia do Ensino de Educação Física” publicada em 1992 apresenta, nos meios acadêmicos, os argumentos em prol dos conteúdos da cultura corporal bem como os PCNs, publicados em 1997 reforçam e divulgam nos meios escolares essa tese.

A definição da cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física torna necessária a ampliação das tematizações de aula, incluindo-se, além dos esportes, a ginástica, a dança, a luta e o jogo em suas dimensões procedimental, conceitual e atitudinal. Torna importante, também, a consideração do repertório dos alunos e a relevância social dos conteúdos da cultura corporal para a comunidade escolar.

Entretanto, o impacto deste conjunto de idéias na realidade da ação pedagógica não é imediato, por isso é necessário investigar o contexto concreto da Educação Física na escola e os embates entre as concepções que a sociedade tem sobre as aulas de Educação Física e as novas metodologias de ensino fundadas na perspectiva dialógica e cultural.

A conexão entre as novas concepções das aulas de Educação Física e imaginário social acerca dos conteúdos, metodologias e formas de avaliação não podem ser tratados de maneira superficial e o caminho da imposição não tem se revelado o melhor para essa transição. Figueiras e Rodrigues (2006) perceberam que a principal dificuldade de um grupo de 70 professores de Educação Física Escolar, pós-graduandos na mesma área e que atuam em diferentes níveis de ensino nas redes pública e privada, era justamente lidar com os conceitos de Educação Física já construídos pelos alunos. Muitos professores relatavam a dificuldade em lidar com a associação da Educação Física ao esporte, especialmente ao futebol ou à concepção da Educação Física como momento de lazer.

A pesquisa em sociologia da infância propõe um novo modelo de socialização, que nega a idéia da passividade da criança na recepção dos conteúdos culturais. As crianças são atores sociais que criam e modificam culturas.

Se as crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas, necessitamos pensar em metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, olhares, experiências e pontos de vista (DELGADO e MÜLLER, 2005, p. 353).

O diálogo caracterizado pelos argumentos científicos, fruto de anos de pesquisa e reflexões por parte de especialistas e pelas concepções que os alunos apresentam, coloca-se como uma possibilidade se conseguirmos construir um espaço em que ambas as partes tenham voz. A ênfase na troca de conhecimentos destaca a relevância dos valores culturais que vão sendo construídos em uma sociedade dinâmica e plural e à escola, cabe o papel da estimulação da reflexão, da crítica e da transformação.

Estamos nos referindo, portanto, a uma concepção educacional que pressupõe a valorização dos alunos e do contexto social no processo de transformação de si e da sociedade (LUCKESI, 1994). Se quisermos que o processo ensino-aprendizagem transcenda as muralhas da reprodução em direção à concepção transformadora de educação, a aprendizagem mecânica deve ser superada, cedendo lugar à aprendizagem significativa, conforme Ausubel (apud MOREIRA e MASINI, 2006) já nos alertava na década de 70:

Falar em aprendizagem significativa equivale, antes de tudo, a pôr em relevo o processo de construção de significados como elemento central do processo ensino/aprendizagem. O aluno aprende um conteúdo qualquer – um conceito, uma explicação de um fenômeno físico ou social, um procedimento para resolver determinado tipo de problema, uma norma de comportamento, um valor a respeitar, etc. – quando é capaz de atribuir-lhe um significado. De fato, no sentido estrito, o aluno pode também aprender estes conteúdos sem lhes atribuir qualquer significado; é o que acontece quando aprende de uma forma puramente memorística e é capaz de repeti-los ou de utilizá-los mecanicamente sem entender em absoluto o que está dizendo ou o que está fazendo (SALVADOR, 1994, p.148).

Para tanto, Ausubel (apud MOREIRA e MASINI, 2006) ressalta a imprescindibilidade de aproximação entre o universo do conhecido pelo aprendiz e o universo do conhecimento a ser adquirido.

Defendemos que, somente estando alicerçada na valorização do sujeito como co-responsável pelo processo ensino-aprendizagem, a transformação almejada será possível. Ou seja, propomos que o avanço da Educação Física escolar não seja pautado, exclusivamente, nas pesquisas e reflexões teóricas ou nas expectativas e motivações discentes, mas sim no diálogo entre estes dois pólos.

Em consonância ao que ora expomos, Losivolo (1997) afirma que as pessoas normalmente explicam suas ações apoiadas em normas, utilidades e gostos. Portanto, saber o que os alunos pensam, gostam e esperam e procurar demonstrar a utilidade dos conteúdos desenvolvidos torna-se indispensável se queremos uma Educação Física contextualizada e que respeite as crianças como sujeitos ativos do processo ensino-aprendizagem.

OBJETIVO

Este trabalho procurou identificar o que os alunos de 3ª e 4ª séries do ensino fundamental de uma escola pública da periferia de Osasco/SP afirmam que aprendem nas aulas de Educação Física e do que esses alunos mais gostam e menos gostam nestas aulas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa e descritiva do fenômeno estudado. Os dados foram coletados na instituição escolar. Os pesquisadores dirigiram-se à Escola por intermédio de uma das educadoras. Após autorização da direção e demais educadoras foi aplicado um questionário aberto para 133 alunos (63 meninas e 70 meninos) das terceiras e quartas séries, contendo as seguintes questões:

- a) O que você aprende nas aulas de Educação Física?
- b) O que você mais gosta nas aulas de Educação Física?
- c) O que você menos gosta nas aulas de Educação Física?

As questões foram lidas em voz alta para o grupo e a seguir respondidas individualmente.

Para a análise das respostas, lançamos mão de uma adaptação, que foi utilizada por Simões (1994), da Análise de Conteúdo¹ de Bardin (1977) que procura “encontrar as bases destas atitudes por trás da dispersão das manifestações verbais, tal é o objetivo da análise da asserção avaliativa” (BARDIN, 1977, p.156).

A análise dos dados foi realizada por meio da tabulação, categorização e interpretação dos dados. O primeiro procedimento foi efetuar a leitura das respostas e a tabulação das respostas integrais classificando-as em categorias que pudessem favorecer a compreensão das respostas dos alunos às questões norteadoras deste estudo. Assim, para a questão “O que você aprende nas aulas de Educação Física” o agrupamento das respostas foi realizado em quatro categorias emergentes, quais sejam, esporte, brincadeiras, ginástica e valores e atitudes.

Em relação as segunda e terceira questões houve, inicialmente, a classificação das respostas integrais em categorias estabelecidas a partir das mesmas bem como por sexo. Em seguida agrupamos as respostas nas categorias emergentes: esporte, jogos e brincadeiras.

A partir destes procedimentos foi possível analisar e discutir os resultados obtidos, conforme apresentamos a seguir.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

PERGUNTA I

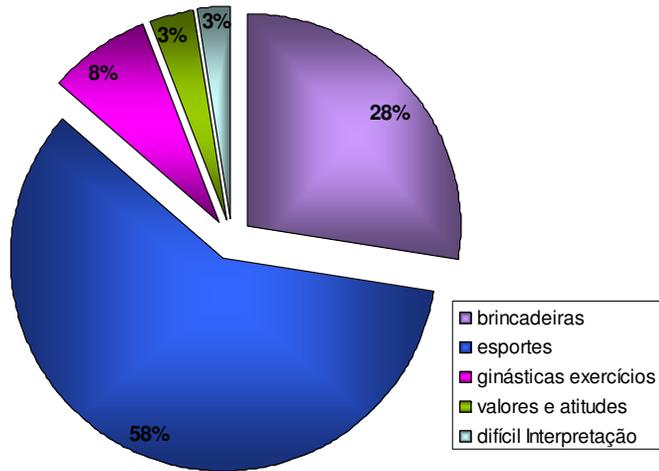
O QUE VOCÊ APRENDE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Quando perguntamos aos alunos o que eles aprendiam nas aulas de Educação Física, 58% das respostas citaram como conteúdo aprendido nas aulas de Educação Física o esporte; 28% apontam brincadeiras como conteúdo; 8% citam ginástica e exercício; 3% admitem a aprendizagem de valores e atitudes e 3% não foram categorizadas por não responderem claramente à questão. Os resultados podem indicar que na Educação Física vivenciada pelas crianças participantes desta pesquisa predominam os conteúdos esportivos, apesar de também serem mencionadas as brincadeiras e jogos como aprendizagens presentes. Embora em pequena proporção, as crianças já apontam que aprendem valores e atitudes, indicando a incorporação desta dimensão nas atividades propostas e no discurso dos educadores.

Por outro lado, o fato do esporte ter sido o mais citado dos conteúdos aprendidos nas aulas, também pode confirmar a forte relação entre esporte e educação física aproximando-nos do imaginário discente e revelando uma herança histórica com a qual temos que lidar para transformar.

¹ Esta metodologia desenvolvida por Laurence Bardin, através de uma adaptação da Técnica de Análise de Asserção Avaliativa, elaborada por Osgood, Saporta e Nunnally em 1956. A Análise de Asserção Avaliativa se preocupa com a noção de atitude, definida como uma predisposição (com certo grau de estabilidade e organização) de reação sob a forma de opiniões ou ações, quando provocada determinadamente por pessoas, acontecimentos, idéias, etc.

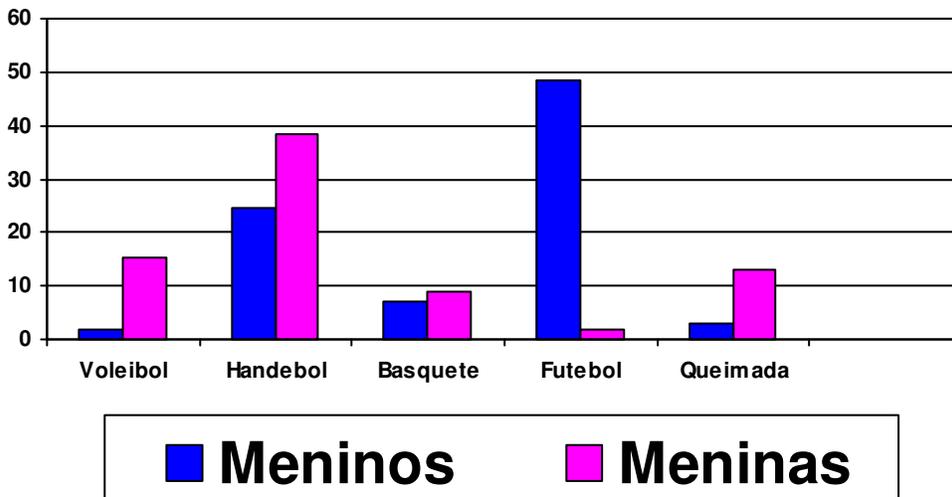
Concepções sobre a Educação Física Escolar



PERGUNTA 2

O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Após a categorização das respostas, destacamos os seguintes resultados: 48,51% das citações dos meninos foram referentes ao futebol, 24,75% ao handebol e 6,93% ao basquetebol, enquanto que 38,38% das citações das meninas referiram-se ao handebol, 15,15% ao voleibol e 13,13% à queimada.



A preferência dos meninos pelo futebol, a pouca manifestação das meninas em relação à mesma modalidade e o inverso da preferência no que se refere ao Voleibol pode nos remeter a algumas reflexões, dentre as quais, a consideração do quão influentes são as concepções e relações constituídas socialmente em relação aos sexos, ou seja, às diferenças de gênero como a que observamos no fato de o futebol ainda ser mais praticado por meninos do que por meninas em nossa cultura. Também é fundamental ressaltar a influência do professor, uma vez que, dependendo de sua concepção educacional, seus valores e metodologia de ensino, as aulas de Educação Física para turmas mistas podem tornar-se co-instrutivas ou co-educativas, favorecendo a diminuição ou manutenção das diferenças de gênero e do sexismo. Outro dado interessante é o fato do handebol ter sido citado tanto por meninas quanto por meninos como um dos conteúdos preferidos. Tal fato pode indicar a possibilidade do handebol apresentar certa neutralidade, ou seja, que possa ser um conteúdo não estereotipado em relação ao sexo dos participantes, potencializando a probabilidade de boa aceitação em aulas co-educativas.

Na segunda etapa da análise, quando foi realizado o agrupamento por conteúdos, percebemos que houve uma notável preferência dos meninos por esportes (83,17%) em relação às meninas (64,65%) enquanto, em relação aos jogos, a preferência maior foi das meninas (27, 27%) em relação aos meninos (12,87%). Vale lembrar que as preferências manifestadas referem-se ao universo do conhecido, o que pode revelar, por exemplo, que os conteúdos esportivos podem representar a preferência dos alunos, ou a existência de uma maior vinculação deste conteúdo à Educação Física, ou ainda que houve pouca ênfase no trabalho com jogos, brincadeiras, danças e outros conteúdos não esportivos. Porém tais inferências requerem estudos mais aprofundados. O que queremos ressaltar, porém, não são apenas as possibilidades de compreensão dos dados apresentados, mas também o reconhecimento do quão importante é o conhecimento produzido a partir da reflexão acerca dos dados apresentados. Neste sentido, apontamos para a importância de nós professores valorizarmos os diversos conteúdos da Educação Física escolar, enfatizando a riqueza existente também nas danças, nos jogos, nas lutas, nas ginásticas e no conhecimento sobre o corpo, em suas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.

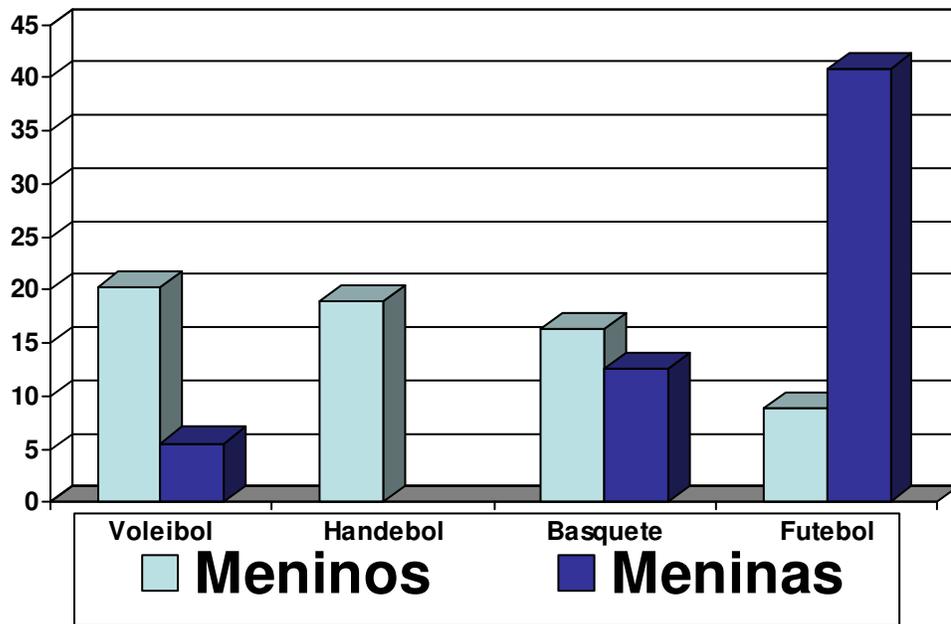
Por fim, se por um lado entendemos como fundamental e defendemos a perspectiva de consideração e busca pelo conhecimento do que ou de qual conteúdo mais motiva nossos alunos, pois desta forma tornamos a aprendizagem significativa, por outro não podemos esquecer que o gosto por determinados conteúdos, neste caso pelo esporte, também é influenciado pelo tipo e pela qualidade de relação estabelecida com os conteúdos apresentados nas aulas de Educação Física.

PERGUNTA 3

O QUE OS ALUNOS MENOS GOSTAM NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

A classificação das respostas baseada no sexo das crianças possibilitou perceber que, enquanto as citações das meninas foram concentradas, principalmente, no Futebol 40,8% e em menor escala no basquetebol e no voleibol, as citações dos meninos foram pulverizadas em três modalidades, Voleibol 20,2%, Handebol 18,9% e Basquetebol 16,4%.

Ou seja, é notável a diferença entre o que os meninos e as meninas apresentaram em relação ao futebol. Se esta modalidade foi a mais citada como preferida pelos meninos, por outro lado ela foi a mais citada como preterida pelas meninas. Isto nos permite sugerir que o Futebol ainda pode estar distante do universo das meninas. Além disso, a vivência desta modalidade em turmas mistas, nas aulas de Educação Física, pode gerar comparações e conflitos diante das diferenças socialmente construídas em relação às habilidades e aos conhecimentos acerca desta modalidade, podendo levar as meninas a desenvolverem até mesmo aversão a esta modalidade, caso não haja uma adequada mediação pedagógica.



Ao analisarmos os dados referentes aos meninos, é possível interpretarmos que, mais do que afirmarem que gostam menos das modalidades citadas, o que pode ter havido foi a expressão e ênfase da predileção pelo Futebol.

Apesar de menos significativas quantitativamente algumas manifestações merecem destaque. A primeira delas diz respeito à não gostarem de exercícios chatos. Isto pode ocorrer ou pela natureza da atividade proposta, pela falta de significado que o professor agrega ao exercício em questão ou até pela pouca capacidade de compreensão e abstração da faixa etária. A segunda diz respeito à postura profissional. Houve menção às atitudes do professor demonstrando que os alunos estão atentos a comportamentos como o professor falar ao celular, faltar às aulas, dar bronca, explicar demasiadamente algo. Chama atenção também o fato das meninas citarem que não gostam de ficar sem fazer nada nas aulas.

Faz-se imprescindível pontuar que esta análise interpretativa só é passível de compreensão quando consideramos que a questão ora analisada foi integrante de um questionário mais amplo e que foi precedida pela pergunta “O que você mais gosta nas aulas de Educação Física?”. Portanto, é possível que os participantes da pesquisa tenham entendido que deveriam escolher, dentre as atividades que haviam citado como as preferidas, aquelas que menos gostavam. Assim, sugerimos para novos estudos a reformulação da questão para o que o aluno “não gosta” ao invés de “menos gosta” nas aulas de educação física. Esta mesma linha de raciocínio pode explicar o fato das modalidades esportivas aparecerem com destaque dentre as atividades citadas como aquelas que as crianças menos gostam. Sugerimos para novos estudos utilizar o termo o que você “não” gosta nas aulas de educação física.

Lembramos, ainda, que as respostas dos participantes podem ter sido efetuadas tendo como referência principal o universo vivenciado nas aulas. É quase impossível gostar ou não de uma atividade que não conhecemos. Essas ponderações nos auxiliam a resistirmos às análises precipitadas ou às perigosas generalizações que pretendam inferir que os esportes sejam conteúdos inadequados ou ultrapassados. É fundamental considerarmos e investigarmos que tipo de abordagem este conteúdo tem tido.

CONCLUSÕES

Nossa investida nesta pesquisa revelou a complexidade envolvida na empreitada de melhor compreendermos as concepções, vontades e sentimentos discentes, indicando ainda a necessidade da constante e profunda imersão no imaginário discente. Neste sentido, compreendemos que outros caminhos ou instrumentos metodológicos possam ser mais apropriados, por outro lado, entendemos que o questionário utilizado nesta pesquisa possa ser um instrumento de pesquisa ou de avaliação bastante acessível aos professores, desde que seja analisado pelo professor com cuidado e afinco. Sugerimos, ainda, que entrevistas, incidentes críticos, pesquisa-ação e outros possam ser de grande valia para que atinjamos o objetivo de aproximação do universo discente para aumentar nossas possibilidades de interação com o mesmo, viabilizando um processo ensino-aprendizagem significativo.

Por fim, entendemos que este estudo trouxe resultados merecedores de novos estudos e reflexões, nos quais possamos investigar, por exemplo, a consonância ou dissonância existente entre o que os professores pensam ensinar e o que os alunos reconhecem como aprendido. Também apontamos como interessante a utilização de entrevistas semi-estruturadas ao invés de questionários, para que seja possível uma maior exploração e compreensão dos significados implícitos em respostas objetivas. A repetição desta investigação com a abrangência de outras faixas etárias e outras comunidades, também pode contribuir para um maior e melhor diálogo entre os distintos e distanciados universos de compreensão de alunos e professores.

Entendemos que este seja um dos caminhos viáveis para uma efetiva transformação da Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: educação física/ Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DARIDO, S.C. SANCHES-NETO, L. O contexto da Educação Física na escola. In:

DARIDO, S. C., RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, J. B. **De corpo e alma: o discurso da motricidade**. São Paulo: Summus Editorial, 1991.

LOVISOLO, H. **Estética, Esporte e Educação Física**. Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1997.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MOREIRA, M.A. E MASINI, E.F.S. **Aprendizagem significativa: a teoria de aprendizagem de David Ausubel**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

SALVADOR, C. C. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

SOARES, C. L. et al. (Coletivo de Autores) **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

DELGADO, Ana Cristina e MÜLLER, Fernanda. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol 26, n 91, p. 351-360, Maio/Ago, 2005.

FILGUEIRAS, Isabel Porto e RODRIGUES, Luiz Henrique. Dificuldades de professores de Educação Física. **Anais do Simpósio de Educação Física da USP**, 2006.

Contatos

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Fone: (11) 3555 2131
Endereço: Av. Mackenzie, 905 – Tamboré – Barueri/SP – Cep.: 06460-130
E-mail: belfilgueiras@mackenzie.com.br

Tramitação

Recebido em: 08/08/2007
Aceito em: 03/09/2007